

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Geografias invisíveis: tratado epistemológico para uma ontologia territorial do invisível na experiência contemporânea

Alexandre Eslabão Bandeira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16363>

Submetido em: 2026-06-02

Postado em: 2026-07-13 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

GEOGRAFIAS INVISÍVEIS: TRATADO EPISTEMOLÓGICO PARA UMA ONTOLOGIA TERRITORIAL DO INVISÍVEL NA EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Alexandre Eslabão Bandeira

Doutor em Geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3627-2167>

E-mail: aebandeira@gmail.com

RESUMO

Este tratado consolida as *Geografias Invisíveis* como programa epistemológico crítico voltado à compreensão das racionalidades invisíveis que organizam contemporaneamente a experiência territorial, perceptiva e existencial da vida humana. Sustenta-se que o invisível não corresponde à ausência, mas a uma dimensão operante do real – aquilo que estrutura o visível enquanto permanece não dito. A pesquisa articula geografia humana crítica, fenomenologia, filosofia da técnica, teoria da complexidade e epistemologias da experiência para demonstrar que a contemporaneidade reorganiza silenciosamente os perspectivismos da vida através de territorializações perceptivas invisíveis. Defende-se que o território forma antes da consciência reflexiva e que o corpo-território constitui condição geo-ontológica da experiência humana. O tratado apresenta o conceito de *formas fantasmas* – dispositivos invisíveis de indução existencial – e os tipifica em cinco regimes: algorítmico, institucional, afetivo, urbano e pedagógico. A *Geo-Ontopedagogia do Invisível* é proposta como horizonte metodológico de reaprendizagem perceptiva e ética da presença. Conclui-se que as Geografias Invisíveis configuram uma crítica geo-ontológica da produção contemporânea da subjetividade, demonstrando que o maior empobrecimento contemporâneo não é apenas econômico, mas perceptivo, coexistente, territorial e existencial.

Palavras-chave: Geografias Invisíveis; corpo-território; Geografias fantasmas; anestesia perceptiva; Geo-Ontopedagogia.

INVISIBLE GEOGRAPHIES: AN EPISTEMOLOGICAL TREATISE FOR A TERRITORIAL ONTOLOGY OF THE INVISIBLE IN CONTEMPORARY EXPERIENCE

ABSTRACT

This treatise consolidates Invisible Geographies as a critical epistemological program aimed at understanding the invisible rationalities that temporarily organize territorial, perceptive, and co-existent human experience. It argues that the invisible does not correspond to absence but to an operative dimension of the real – that which

structures the visible while remaining unspoken. The research articulates critical human geography, phenomenology, philosophy of technology, complexity theory, and epistemologies of experience to demonstrate how contemporaneity silently reorganizes the perspectivism of life through invisible perceptive territorializations. It defends that territory forms before reflexive consciousness and that the body-territory constitutes the geo-ontological condition of human experience. The concept of ghost forms – invisible devices of existential induction – is presented and typified into five regimes: algorithmic, institutional, affective, urban, and pedagogical. The Geo-Ontopedagogy of the Invisible is proposed as a methodological horizon for perceptive re-learning and an ethics of presence. It concludes that Invisible Geographies configure a geo-ontological critique of the contemporary production of subjectivity, demonstrating that the greatest contemporary impoverishment is not only economic but perceptive, co-existential, territorial, and existential. The treatise thus offers a geo-ontological tool for life – not to interpret the world from the outside, but to inhabit it critically from within embodied experience.

Keywords: Invisible Geographies; body-territory; ghost geographies; perceptive anesthesia; Geo-Ontopedagogy.

1 INTRODUÇÃO: A EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA E O INVISÍVEL QUE NOS FORMA

A modernidade consolidou formas específicas de compreender o espaço, interpretar a realidade e organizar a experiência humana. A ascensão da racionalidade técnico-científica, associada ao projeto iluminista e à revolução industrial, produziu regimes de visibilidade fundamentados na representação cartográfica, na mensuração estatística, na fragmentação disciplinar do conhecimento e na progressiva operacionalização da vida social. O mundo tornou-se administrável, calculável e funcionalizado. O território foi reduzido à superfície operacional do desenvolvimento econômico; o sujeito, à funcionalidade produtiva; e a experiência humana, à adaptação contínua às racionalidades dominantes de cada época.

Entretanto, o visível jamais esgotou o real.

Parte significativa das forças que organizam a vida humana permaneceu sistematicamente deslocada para zonas de invisibilidade epistemológica. Territorialidades afetivas, pedagogias silenciosas da sobrevivência, espacialidades do medo, formas coexistentes de pertencimento, racionalidades técnicas difusas, experiências encarnadas da dor e da precariedade – tudo isso raramente se estabilizou como objeto legítimo da ciência

moderna, embora organize profundamente as formas de sentir, perceber, desejar, resistir e coexistir no mundo.

As *Geografias Invisíveis* emergem da compreensão fundamental de que o invisível não corresponde à ausência, ao ocultamento metafísico ou ao desconhecido provisório. O invisível constitui uma **dimensão operante da realidade** – aquilo que estrutura silenciosamente o visível, que o antecede, que o torna possível, que continua agindo mesmo quando não reconhecido pelos dispositivos formais de saber e poder.

1.1 A tese fundante

Este tratado parte de uma tese que será desenvolvida em sua radicalidade: **o território forma antes da consciência.**

O sujeito não nasce neutro diante do mundo. Antes da linguagem formal, da escolarização, das identidades nomeadas ou da racionalização reflexiva, existe um território que age silenciosamente sobre o corpo. A coexistência territorial antecede a consciência. O corpo aprende antes da palavra: aprende atmosferas, limites, medos, silêncios, afetos, ritmos, permanências e possibilidades de horizonte existencial.

A criança que cresce em um beco periférico não escolheu aquele mundo. Ela o absorve. Configura o corpo antes de configurar a mente, produzindo uma inteligência territorial pré-reflexiva – condição de possibilidade para toda experiência posterior. Nesse sentido, o território é **força coexistente de formação perceptiva da existência.**

1.2 A gênese coexistente do conceito

As *Geografias Invisíveis* não surgem da abstração conceitual isolada. Emergiram do atravessamento de espacialidades concretas onde a sobrevivência, a precariedade, a adaptação forçada e o medo revelaram que grande parte da formação humana ocorre antes e fora dos dispositivos formais de educação.

Contudo, tais experiências não aparecem como autobiografia. São apresentadas como **estruturas coexistentes universais**. O beco é a espacialidade onde o corpo aprende a antecipar o perigo. A feira é o território onde se aprende a economia moral da sobrevivência. O cemitério é a topografia onde se revela que a morte tem classe social. A

criança que carrega papelão é a figura da infância territorializada pela precariedade antes de qualquer nomeação identitária.

O que se espera com este tratado é que o leitor não veja o autor, mas a si mesmo territorializado. Que reconheça, em sua própria experiência, as marcas do invisível que sempre o constituiu. As *Geografias Invisíveis* pretendem funcionar como uma **tecnologia ontológica de reconhecimento**.

1.3 Arquitetura conceitual

Antes de avançarmos, é necessário explicitar a hierarquia conceitual que organiza este tratado – uma **ecologia epistemológica** onde cada categoria ocupa seu lugar.

QUADRO 1 – Hierarquia conceitual do tratado

Nível	Conceito	Função
1	GEOGRAFIAS INVISÍVEIS	Horizonte ontológico, epistemológico e crítico maior
2	GEOGRAFIAS FANTASMAS	Lentes metodológicas de travessia
3	FORMAS FANTASMAS	Dispositivos específicos de indução perceptiva
4	GEO-ONTOPEDAGOGIA DO INVISÍVEL	Método coexistente de leitura, escuta e reaprendizagem perceptiva
5	CORPO-TERRITÓRIO	Condição encarnada da experiência. Primeira ontologia
6	ANESTESIA PERCEPTIVA / HOMEM SITUADO	Efeitos civilizatórios contemporâneos

Geografias Invisíveis é o campo. Geografias Fantasmas são as lentes. Formas Fantasmas são os dispositivos. Geo-Ontopedagogia é o método. Corpo-Território é a condição. Anestesia Perceptiva é o efeito.

1.4 Cinco teses centrais

Nesse horizonte, o tratado sustenta cinco teses:

1. **O invisível constitui dimensão operante do real** – não ausência, mas estrutura.
2. **O território forma antes da consciência reflexiva** – a formação humana é, antes de qualquer instituição, uma territorialização perceptiva.
3. **A contemporaneidade reorganiza perspectivismos através de Geografias Fantasmas** – o poder atua na territorialização do olhar.
4. **As formas fantasmas produzem anestesia perceptiva e despontencialização do existir.**
5. **A Geo-Ontopedagogia do Invisível constitui um horizonte de reaprendizagem radical da presença.**

1.5 Horizonte e objetivo do tratado

O presente tratado tem por objetivo consolidar as Geografias Invisíveis como horizonte epistemológico crítico voltado à compreensão das racionalidades invisíveis que organizam a experiência territorial contemporânea. Mais do que interpretar o espaço a partir de categorias externas, busca compreender como a contemporaneidade produz sujeitos perceptivamente amortecidos e existencialmente despontencializados – vidas que funcionam, mas que não atravessam a própria experiência.

O tratado não pretende encerrar um debate. Pretende inaugurar uma reaprendizagem perceptiva. O invisível precisa ser **vivido, reconhecido e pensado**.

2 O INVISÍVEL COMO ESTRUTURA OPERANTE DO REAL

2.1 Para além da lógica negativa

Historicamente, a invisibilidade foi associada à ausência – ao desconhecido, ao que falta para que o conhecimento se complete. Nessa tradição, herdeira da metafísica ocidental, o invisível era concebido como **falta**.

As Geografias Invisíveis deslocam radicalmente essa compreensão. O invisível é **dimensão operante** da própria realidade. Atua silenciosamente na produção das

territorialidades, na organização dos afetos, na formação das subjetividades. Como argumentava Nietzsche, as verdades são ilusões das quais se esqueceu que o são – uma percepção que se aplica diretamente às formas naturalizadas de conhecimento (NIETZSCHE, 2009). O invisível é **forças subterrâneas**: movimentos que operam abaixo da superfície, afetando o real sem se tornarem evidentes, mas com eficácia inegável.

2.2 Três mecanismos do invisível

2.2.1 Naturalização – Aquilo que se repete torna-se invisível por familiaridade. A violência doméstica na periferia, a fila do posto de saúde, a escola superlotada – deixam de ser percebidas como violência estrutural e passam a ser naturalizadas como "o jeito da vida". Como alertava Vieira Pinto, a consciência ingênua é aquela que naturaliza o que foi produzido historicamente (VIEIRA PINTO, 1960).

2.2.2 Codificação técnica – Algoritmos, métricas de desempenho, sistemas de recomendação reorganizam percepções sem se apresentar como poder. O sujeito acredita que escolhe; na prática, é escolhido por uma racionalidade invisível. Para Mark Fisher, essa naturalização se expressa no *realismo capitalista* – a sensação de que não há alternativa (FISHER, 2020).

2.2.3 Interdição simbólica – Certas experiências são excluídas do discurso legítimo. A dor do luto periférico vira estatística de homicídio. A fome envergonhada não aparece nos levantamentos nutricionais. Como argumenta Achille Mbembe, a necropolítica opera como uma distribuição desigual da possibilidade de ter a própria dor reconhecida (MBEMBE, 2018).

2.3 Regimes modernos de visibilidade

A modernidade consolidou leituras espaciais vinculadas à racionalidade técnica e à representação cartográfica. Como advertiu Henri Lefebvre, a produção do espaço na modernidade tende a privilegiar o espaço concebido em detrimento do espaço vivido (LEFEBVRE, 2006). Milton Santos demonstrou que o espaço é produzido por racionalidades técnicas seletivas (SANTOS, 1996). Doreen Massey aprofundou ao afirmar que o espaço é produto de relações em constante transformação (MASSEY,

2008). As Geografias Invisíveis ampliam essa leitura ao deslocar a análise para a **territorialização perceptiva da subjetividade**.

2.4 O invisível como excesso coexistente

O invisível é **excesso coexistente do real**. Não uma realidade paralela, mas a própria constituição do real em sua densidade múltipla. Manifesta-se nas geografias do medo, nas pedagogias subterrâneas da sobrevivência, nas racionalidades algorítmicas. Como afirmava Álvaro Vieira Pinto, a realidade é sempre mais ampla e complexa do que aquilo que os regimes dominantes de percepção conseguem apreender (VIEIRA PINTO, 1960). O invisível não se opõe ao visível. Ele o sustenta.

3 O CORPO-TERRITÓRIO: A PRIMEIRA ONTOLOGIA

3.1 A anterioridade do território

Antes do nome, antes da palavra, antes do pensamento reflexivo – há território. **O sujeito não nasce fora do território. Nasce coexistindo com ele**. Essa coexistência é a própria condição de emergência do existir.

A infância, neste tratado, não é apenas uma etapa biológica. **É uma territorialidade coexistente fundante da experiência humana**. Antes de qualquer socialização formal, a criança já aprendeu – pelo corpo, pelo silêncio, pelo medo – os limites do mundo, as atmosferas de segurança, os ritmos do território.

O sujeito nasce no espaço, é nele moldado. O território imprime, tensiona, condiciona, educa, fere, sustenta. A criança periférica não escolhe o território que a formará. Ela o absorve.

Por que essa anterioridade é decisiva? Porque desloca a compreensão da formação humana. Não somos formados primeiramente pela escola, mas **territorialmente** – pela rua que nos ensina a andar com cuidado, pela casa que nos ensina a silenciar dores. A escola vem depois. Como observavam Maturana e Varela, todo organismo se constitui em acoplamento estrutural com o ambiente (MATURANA; VARELA, 2001). Vieira

Pinto sustenta que a consciência só emerge porque há mundo material anterior a ela (VIEIRA PINTO, 1960).

3.2 O corpo-território como primeira ontologia

Se o território forma antes da consciência, é no corpo que essa formação se inscreve. O corpo constitui o **primeiro território epistemológico** e a **primeira ontologia**. O corpo **aprende** antes de qualquer elaboração consciente. A criança que cresce em um beco absorve o território: aprende a ler silêncios, a antecipar perigos, a calcular rotas de fuga. Essa é uma **inteligência territorial** – saber incorporado, pré-reflexivo, condição de possibilidade da própria existência.

A leitura do não escolhido – procedimento central da Geo-Ontopedagogia – consiste em reconhecer essa inteligência como conhecimento legítimo. Merleau-Ponty afirmava que a percepção constitui o fundamento da experiência humana (MERLEAU-PONTY, 1999). Nigel Thrift mostrou como o afeto e a técnica se entrelaçam na produção do espaço (THRIFT, 2008). As Geografias Invisíveis acrescentam: o **território inscreve-se existencialmente no corpo** antes da formalização racional.

3.3 A carne que sangra como dado geográfico

A dor não é subjetiva no sentido privado. Toda dor carregada por um corpo é também dado geográfico. O corpo que sangra no beco, a mãe que perde o filho para a violência – são **fenômenos territoriais**. Ocorrem em lugares específicos, organizados por relações específicas de poder.

A experiência coexistente da carne que sangra é o **fundamento empírico** das Geografias Invisíveis. A dor experienciada em territórios de precariedade é uma forma de conhecimento. Ela revela o que os mapas oficiais escondem, o que as estatísticas suavizam. É **evidência** – não do sofrimento individual, mas da estrutura que o produz.

Assumir a carne que sangra como dado geográfico implica que o pesquisador não pode se colocar como observador neutro. Deve dispor-se a ser afetado, pois a neutralidade científica é, na maioria dos casos, uma forma de violência simbólica.

4 GEOGRAFIAS FANTASMAS E FORMAS FANTASMAS

Toda época produz seus demiurgos invisíveis. Não mais deuses absolutos, mas arquiteturas silenciosas da percepção: algoritmos, métricas, protocolos, plataformas, fluxos, dispositivos de aceleração. As formas fantasmas tornam-se, assim, demiurgias contemporâneas da experiência perceptiva.

4.1 Definição e fundamento

As **Geografias Fantasmas** constituem uma das categorias analíticas centrais das Geografias Invisíveis. São **lentes metodológicas de travessia e leitura** – não um conceito concorrente, mas um movimento interno. Elas permitem identificar as **formas fantasmas**, que são os dispositivos concretos de indução perceptiva.

As Geografias Fantasmas correspondem às **territorializações invisíveis da contemporaneidade**: espacialidades operantes que reorganizam silenciosamente percepções, desejos, afetos e modos de existir sem se apresentarem como imposição.

Seu poder reside em não parecerem violência. O algoritmo não ordena; organiza fluxos. A plataforma não impõe; territorializa desejos. A métrica não obriga; condiciona subjetividades.

4.2 Formas fantasmas: tipologia dos dispositivos específicos

No interior das Geografias Fantasmas, identificam-se as **formas fantasmas** – dispositivos específicos de indução perceptiva que materializam as territorializações invisíveis em regimes concretos de operação.

QUADRO 2 – Tipologia das formas fantasmas

Tipo	Descrição	Exemplo	Efeito sobre o sujeito
Algorítmica	Indução por codificação e fluxos	Feed de redes sociais	Redução do campo do possível

Tipo	Descrição	Exemplo	Efeito sobre o sujeito
Institucional	Indução por protocolos e métricas	KPIs, rankings escolares	Internalização da métrica
Afetiva	Indução por regimes de sensibilidade	Indústria do bem-estar	Terceirização da afetividade
Urbana	Indução por territorialização seletiva	Zoneamento excludente	Naturalização da segregação
Pedagógica	Indução por currículos e avaliações	Educação bancária	Amanualidade (Vieira Pinto)

4.3 Análise exemplar: a forma fantasma algorítmica

Tomemos o feed algorítmico de aplicativos de vídeos curtos. O algoritmo não ordena – organiza. O sujeito acredita que escolhe; na prática, é escolhido por uma racionalidade invisível. A pergunta ética não é "como proibir o algoritmo?", mas "**como ensinar o sujeito a ler a Geografia Fantasma que o lê?**".

4.4 Classes sociais como distribuição invisível do possível

As **classes sociais não distribuem apenas riqueza**. Distribuem percepção, legitimidade, expectativa, pertencimento, horizonte e possibilidade existencial. A criança que cresce em um beco aprende um alfabeto emocional que a criança de classe média alta sequer imagina: aprende a ler o perigo onde a outra lê segurança; aprende a silenciar onde a outra aprende a reivindicar.

4.5 O homem cansado como categoria geo-ontológica

O cansaço contemporâneo não é apenas psicológico. É territorial, urbano, perceptivo. O "homem cansado" é uma **produção geográfica**. Para Hartmut Rosa, esse fenômeno se

descreve como aceleração social: a impossibilidade de ressonância com o mundo (ROSA, 2019).

4.6 Do homem adaptado ao homem situado

Ao contrário do sujeito funcional ao sistema, as Geografias Invisíveis afirmam a possibilidade de um **homem situado**: um sujeito que reconhece que nunca estará fora das forças que o atravessam, mas que pode habitar conscientemente essa condição. Sabe que foi formado por forças que não escolheu e, sabendo disso, pode escolher **como se relacionar** com elas. É o **horizonte ético** do tratado.

5 GEO-ONTOPEDAGOGIA DO INVISÍVEL: HORIZONTE METODOLÓGICO

5.1 Premissas fundamentais

A **Geo-Ontopedagogia do Invisível** é o horizonte metodológico das Geografias Invisíveis. Não é um protocolo técnico, mas uma pedagogia da percepção territorial. Seu princípio fundante: **o território educa antes da escola**.

Cinco premissas:

1. Todo olhar é situado.
2. Toda percepção é encarnada.
3. O território forma antes da consciência.
4. A técnica educa o olhar.
5. A formação humana é ética.

5.2 Procedimento central: a leitura do não escolhido

As Geografias Invisíveis adotam a **leitura do não escolhido**: interrogar aquilo que antecede a decisão, a vontade e a consciência reflexiva. Exige atravessamento, presença e disposição para ser afetado.

5.3 Procedimentos operacionais

a) Escuta existencial – ênfase no não dito: hesitações, silêncios, pausas.

b) Cartografia de afetos – mapeamento de medos, confianças, trajetórias evitadas. Uso de *walk-alongs* e mapas afetivos que desenham atmosferas.

c) Análise de formas fantasmas – identificação de dispositivos de indução (métricas, algoritmos, protocolos). Tornar visível sua operação.

5.4 O pesquisador-atravessado

A Geo-Ontopedagogia exige um **pesquisador-atravessado** – alguém que reconhece que sua própria subjetividade foi territorializada por forças invisíveis. A objetividade possível é a **fidelidade ao real** – que exige implicação.

5.5 Retorno ao vivido como critério de validade

O método se completa quando retorna à vida. A validação ocorre pela **devolução das análises aos territórios investigados**. Nesse retorno, as Geografias Invisíveis se afirmam simultaneamente como ontologia, epistemologia, ética, pedagogia e práxis.

6 A ANESTESIA PERCEPTIVA E O EMPOBRECIMENTO COEXISTENTE

6.1 Produção contemporânea da subjetividade

A contemporaneidade reorganizou profundamente a experiência humana. O sujeito tornou-se funcionalmente adaptado às racionalidades da aceleração, produtividade e circulação contínua. A vida operacional substituiu a profundidade coexistente.

6.2 O corpo aprendiz da contemporaneidade

A contemporaneidade não apenas anestesia – ela **reprograma**. O corpo contemporâneo aprende:

- velocidade como norma;
- interrupção contínua como ritmo da atenção;
- fragmentação como condição estrutural;

- hiperestimulação como substituta da profundidade;
- produtividade como medida do valor existencial;
- adaptação como resposta automática;
- presença superficial como modo dominante de coexistência.

Esse aprendizado ocorre nas interfaces, nos fluxos, nas métricas. A Geo-Ontopedagogia propõe **desaprender** esses ritmos para **reaprender** a habitar.

6.3 Anestesia perceptiva como regime existencial

A **anestesia perceptiva** é existencial, produzida pelo excesso de estímulos, velocidade e fragmentação. O sujeito anestesiado percebe, mas não atravessa. Vê, mas não habita. É o correlato subjetivo da aceleração social (ROSA, 2019).

6.4 Despontencialização do existir

A anestesia leva à **despontencialização**: o sujeito torna-se incapaz de agir sobre sua própria experiência. O algoritmo já sabe o que ele vai desejar. Ele torna-se previsível, funcional – mas impotente diante da própria vida.

6.5 Psicosfera contemporânea

Milton Santos introduziu o conceito de *psicosfera* (SANTOS, 1996). A psicosfera contemporânea naturaliza a aceleração como progresso, o cansaço como virtude, a superficialidade como eficiência.

6.6 Reaprender a habitar

Diante da anestesia, a Geo-Ontopedagogia propõe uma **reaprendizagem radical da presença**: reaprender a permanecer, a escutar, a sentir, a perguntar, a coexistir. É uma pedagogia da atenção – e uma política.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O INVISÍVEL COMO CHAVE CIVILIZATÓRIA

Sintetizamos o percurso em cinco proposições.

Primeira proposição: o invisível não é ausência, é excesso.

Segunda proposição: o território forma antes da consciência reflexiva.

Terceira proposição: a contemporaneidade reorganiza perspectivismos através de Geografias Fantasmas.

Quarta proposição: as formas fantasmas produzem anestesia perceptiva.

Quinta proposição: a Geo-Ontopedagogia do Invisível emerge como horizonte de reaprendizagem perceptiva e ética da presença.

Talvez o século XXI tenha produzido a maior expansão técnica da história humana e, simultaneamente, a maior contração coexistente da experiência. Nunca estivemos tão conectados. Nunca estivemos tão territorialmente dispersos de nós mesmos. As Geografias Invisíveis não surgem para negar a técnica, mas para reaprender presença.

A contração coexistente é uma **produção geográfica** – e, como tal, pode ser enfrentada por uma reaprendizagem perceptiva que é, ao mesmo tempo, uma política. Habitar o mundo com profundidade, resistindo à anestesia induzida, já é um ato de insurgência.

O tratado não se apresenta como ponto de chegada, mas como **campo aberto**, permanentemente tensionado pela experiência. Se conseguir fazer com que o leitor, ao fechar o texto, olhe para sua própria experiência e perceba as geografias invisíveis que sempre o constituíram, então terá cumprido sua função. O invisível não precisa ser iluminado. Ele precisa ser **vivido, reconhecido e pensado**.

Que este tratado não seja apenas lido. Que ele seja habitado.

MANIFESTO DO MÉTODO

E é aqui que afirmo: o invisível não é ausência; é excesso. É aquilo que estrutura o visível enquanto permanece não dito. O que Milton Santos chamou de tecnosfera, o que Álvaro Vieira Pinto chamou de infraestruturas ocultas – tudo converge para a necessidade de um método que reconheça o que o mundo tenta esconder.

Esse método, que chamo de Geo-Ontopedagogia do Invisível, parte de cinco premissas: todo olhar é situado; toda percepção é encarnada; o território forma antes da consciência; a técnica educa o olhar; a formação é ética.

Combina imersão sensível, análise crítica e intervenção pedagógica. Ensina a permanecer nos lugares, a escutar o silêncio, a mapear o poder, a reconhecer o invisível, a formar sujeitos capazes de romper com a normalização da dor.

Cada cena – a feira, o cemitério, a travessia – não é memória pessoal: é dado estruturante de uma geografia que se revela por dentro.

Não proponho uma ciência sentimental, mas uma ciência que reconhece que aquilo que a sociedade chama de "sentimento" é, em muitos contextos, dado social. Toda dor carregada por um corpo é também dado geográfico.

Alexandre Eslabão Bandeira

Geografias Invisíveis

Tratado Epistemológico, 2026

Conflito de interesses

O autor declara não haver conflito de interesses relacionado à presente pesquisa.

Disponibilidade de dados de pesquisa

Os dados que sustentam os resultados desta pesquisa estão contidos no próprio manuscrito.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, A. E. Reflexões teóricas sobre os processos sociais da contradição exclusão/inclusão. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande, Porto Alegre, 2010.

BANDEIRA, A. E. O conceito de tecnologia sob o olhar do filósofo Álvaro Vieira Pinto. *Geografia Ensino & Pesquisa*, v. 15, n. 1, 2011.

BANDEIRA, A. E. Geografias Invisíveis: a cidade na consciência e a consciência da cidade. *Geografia Ensino & Pesquisa*, v. 15, n. 2, 2011.

BANDEIRA, A. E. *Geografias Invisíveis: O Efeito Epistemológico da Vontade de Potência para a Geografia*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BANDEIRA, Alexandre Eslabão. *Geografias invisíveis: espaço, poder e subjetividade na contemporaneidade*. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2025.

BANDEIRA, Alexandre Eslabão. *Geo-Ontopedagogia do Invisível: um método crítico para a vida*. Curitiba: Appris [no prelo], 2026.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PINTO, Álvaro Vieira. *Consciência e realidade nacional: a consciência ingênua*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1960.

PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade*. São Paulo: Unesp, 2019.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAWAIA, Bader Burihan. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2001.

THRIFT, Nigel. *Non-Representational Theory: Space, Politics, Affect*. London: Routledge, 2008.

"O invisível não precisa ser iluminado. Ele precisa ser vivido, reconhecido e pensado."
– Alexandre Eslabão Bandeira, *Geografias Invisíveis* (2025)

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.